

O BARÃO NA REDE

(Reflexões sobre a grandeza do mundo, desbravamento, memória, teoria da conspiração, internet e comunidade informacional)

Gabriel de Mattos

Este artigo busca fazer uma reflexão sobre dois momentos na história mundial, um deles, quando Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, viveu num lugar "incivilizado" para padrões europeus, e o escolheu para seu lugar de moradia; e os tempos atuais, início do séc. XXI, quando parece que o mundo encolheu, em virtude da Comunidade Informacional, e tudo está acessível, possível e "civilizado".

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA, MATO GROSSO, INTERNET

GRANDE IRMÃO OU FIM DA MEMÓRIA?

O estágio alcançado pela Comunidade Informacional, termo que busca designar o grupo de pessoas e instituições conectadas à Internet, assim como uma nova forma de encarar o Próximo e o Outro (desde que ligados, ou "linkados", por esse meio), levou a uma série de esperanças, desesperanças, paranóias, sonhos e tentativas de prognósticos em um nível nunca experimentados pela Humanidade.

Entre esses efeitos, estão aquelas duas posturas extremas denominadas por Umberto Eco como *apocalípticos e integrados*. E é

interessante notar que as posições são diametralmente opostas quando se fala sobre a relação entre essa Comunidade e a preservação da Memória.

Uma delas é a antiga paranóia em relação ao "Grande Irmão" do livro de Orwell, entidade que vigiaria a vida de todos os membros da comunidade 24 horas por dia, registrando informações sobre tudo que essas pessoas fariam. Essa postura hoje se reflete numa paranóia onde cada tentativa de conexão aos inúmeros sites, aos bate-papos (*chats*) e informações trocadas via *e-mail* estariam sendo gravados em um grande computador, prontos para gerar dossiês sobre qualquer microcomputador e seus usuários. Preocupação que, na prática, já gerou acompanhamentos de utilização da internet na China e em países fundamentalistas do Oriente.

Nesse sentido, nada se perderia do que foi produzido nestes últimos anos, podendo a qualquer momento ser feito uma grande prospecção sobre o que foi ao ar(?) em qualquer *fanzine cibernético* ou mesmo qualquer troca de informações entre instituições de pesquisa. De fato, um prato cheio para qualquer historiador.

Por outro lado, também já surge, justamente entre os pesquisadores que se utilizam da internet (no qual modestamente, por limitações de paciência, me incluo), uma preocupação em relação à relativa efemeridade de certas criações cibernéticas, que resumo numa frase básica que está virando bordão:

- Cadê o site que estava aqui?

Isso porque a manutenção de um banco de informações (que é ao que de fato se resume um *site*) necessita de um custo fixo mensal de aluguel do provedor, suspenso o qual aquela informação deixa de ser acessível ou, pior, é simplesmente *deletada*. Some-se a isso um afã de não só atualizar o site, dando-lhe roupagem mais ágil e relegando informações cada vez mais ao fundo daquele labirinto de acessos, como também a atualização em termos de *banda larga* e/ou qualquer novidade tecnológica em relação às quais o meio informacional é tão seduzível.

Nesse sentido o historiador fica com um pé atrás e um início de pânico: De repente, sem aviso, quando se busca um *site*, aparece a mensagem tenebrosa e ameaçadora - *A página não pode ser acessada!*

Neste caso sua esperança é se existiria algo como um "Cemitério de Sites"...

MAS O QUE ISSO TEM A VER COM O BARÃO DE MELGAÇO?

Calma, continuemos.

O QUE É REGISTRADO? QUEM REGISTRA?

No caso da segunda hipótese, algo mais facilmente demonstrável que a primeira, fica no historiador uma certa nostalgia da boa e velha cultura livresca, que a partir de Gutemberg vem registrando informações, decodificáveis pelo simples domínio da leitura, e necessitando um cuidado de preservação que se resume em um cuidado físico com o objeto livro, bem diferente dos problemas de decodificação tecnológica enfrentados desde o advento do cinema de celulóide.

Isso para ficar num exemplo básico, em que a preservação física do filme já possibilitava alguma facilidade de "leitura", assim como os rolos de cera e discos de vinil em relação ao som. A questão complica-se quando pensamos em relação às fitas de áudio e vídeo, com sua inumerável variedade de tecnologias e necessidades de aparelhos decodificadores específicos.

A questão precisa ser analisada agora em termos de quem produz esses registros, esses bancos de informações que serão manuseados por um grande número de pessoas.

No caso da grande rede, em relação aos criadores de obras cibernéticas, há uma condição positiva, que é a possibilidade cada vez maior de se poder introduzir em sua criação tanto informações iconográficas, quanto animadas e sonoras, que dão ao pesquisador (ou mesmo fruidor da obra) maior capacidade de sentir o que se deseja passar.

Isso possibilitou duas condições aos produtores de informação:

1) a vantagem de interagir com o leitor em termos de um maior número de sensações; além da ampliação da visual, também a sonora entra no contexto;

2) a vantagem de atingir, via grande rede, um público bem maior do que o possibilitado pela impressão de livros.

Nesse sentido, além da melhoria da qualidade das informações registradas e reproduzidas por instituições de pesquisa, também entraram na rede uma série de grandes corporações jornalísticas, comerciais e de entretenimento. E mais recentemente uma série de produções individuais, como o *fansite*, um sucessor das *fanzines* xerocadas que tantas contribuições trouxe no sentido de popularizar a

cultura. Também são encontrados *sites* pessoais, alguns extremamente narcisistas, e sobretudo alguns interessantes sites (produzidos por pesquisadores que desistiram de buscar o editor de livros) dedicados a algum assunto ou personalidade ou "tribo", que surpreendem pelo volume e pela profundidade de tratamento.

O leitor atento já notou que estamos chegando no Barão.

DESBRAVAMENTO OU ARQUEOLOGIA?

Nesse cenário sucintamente exposto, e neste ano do bicentenário do Barão, quando nos propomos a levantar e discutir sua história, é lógico que tenhamos a curiosidade de buscá-lo na grande rede, saber se ele a frequenta ou habita.

Neste ponto é importante que evitemos qualquer posição pré-concebida ou uma atitude que no fundo, longe de ser atual ou dinâmica, é conformista: assim como, no dizer de um artista local "pobre é quem não tem jipe", temos que evitar a assertiva "você só É se está na Internet".

E nesse sentido fomos atrás do Barão, utilizando os práticos (até certo ponto) *Sites* de Busca.

Essa procura, pelo que foi exposto anteriormente, se apresentou em certos momentos como desbravamento, em outros como prospecção arqueológica.

E não por coincidência, nesse momento Augusto Leverger se mostrou, antes mesmo que o achasse...

Isso porque imaginar um jovem de inícios do século XIX saindo pelo mundo, deixando a matriz da Civilização, e se aventurando por regiões onde selvagens ou bárbaros estavam justamente declarando e decretando sua independência em relação àquela Europa, merece respeito. Afinal quantos jovens do início deste século estarão dispostos a deixar seus países e partir para Sérvia, Croácia, Azerbaidjão, Timor ou Xexênia, em seus difíceis processos de independência? E quantos estarão dispostos a uma abertura que os faça filhos e defensores dessa nova terra, como o Barão defendeu o Brasil na Guerra da Tríplice Aliança?

Será que esse interesse pela Aventura já está relegado aos séculos passados? Tomara que não.

BUSCANDO O BARÃO

Não me propus a profundas prospecções. Uma profunda prospecção, evidentemente não pára nos arquivos da grande rede, vai aos livros, à

iconografia, aos arquivos da Casa Barão de Melgaço. Não, quero procurar o Barão onde as crianças e os jovens procuram para aqueles trabalhos de uma ou duas páginas que a professora de História pede. Que no meu tempo era feito nas folhas de papel almaço (ao maço), compradas ali na Papelaria ao lado da Escola Modelo Barão de Melgaço, que ocupava o prédio do *Palácio da Instrução*, ao lado da Matriz, quando lá estudei... ei, olha o Barão aí de novo!

E mergulhei nos *sites* de busca, durante alguns tempos. Alguns porque existe o tempo real, sempre tão exíguo, e existe aquele tempo psicológico, dilatado e independente do real, que o artista e o pesquisador tão bem conhecem, que nos faz perder o horário das aulas ou reuniões, que nos faz parecer, aos práticos de plantão, tão desligados quando, na verdade, a gente está pra lá de ligado, absorvido, envolvido.

Passei esse tempo com o Barão. Primeiro em sites nacionais, depois não pude resistir a procurar em sua França natal.

Nos nacionais encontramos o Barão geograficamente, chegando à cidade que se imbrica com sua história, Santo Antonio de Leverger, ou mesmo a vizinha Barão de Melgaço. E tome *sites* de turismo e viagens exóticas ao Pantanal. Mas também sabemos que a Fundação *Andrew W. Mellon*, através do **Center for Research Libraries num Latin American Microfilm Project: Brazilian Government Document Digitization Project** já tem indexado o *Relatório do presidente da província do Mato Grosso, o capitão de fragata Augusto Leverger, na abertura da sessão ordinária da Assembléa Legislativa Provincial em 10 de maio de 1851. Cuiabá, Typ. do Echo Cuiabano, 1852*. Para quem quiser maiores informações www.crl.uchicago.edu/info/brazil/mato.html.

Sabemos também que o Dr. Victor Miguel Ponce está desenvolvendo pesquisas sobre o Pantanal utilizando a narrativa das viagens do Barão pelo Rio Paraguai de 1846, ver ponce.sdsu.edu para maiores informações.

E também uma série de sites mato-grossenses sobre História e Geografia, além de eventos turísticos como o Arrancadão na cidade de Santo Antonio de Leverger.

Nos *sites* de busca franceses uma boa surpresa: os sites brasileiros aparecem logo, mostrando que a gente já adotou mesmo o Barão. Além disso algumas informações sobre o *Domaine Le Verger*, certa região francesa, e informações sobre o médico *Guy Leverger*, ativo pesquisador.

No mais, algumas páginas indicadas pelos *sites* Google e Altavista. Mas parei por aí.

ACHANDO O BARÃO

Não somos, como diria Drummond, o poeta, responsáveis pelo destino do mundo. Pouco podemos fazer, apesar de vidas serem investidas na tentativa de fixar nosso nome ou feitos na História. Eles serão analisados por outras centenas de olhos, sob perspectivas dificilmente imaginadas.

Assim é que existem os vários Barões de Melgaço: o militar, o estadista, o pesquisador, o aventureiro, o romântico...

Prefiro achar o Barão na Rede. Não na grande infovia, multi-sobre-extra-inter-nacional. Na rede cuiabana, aquela da gente deitar depois do almoço, à beira do Rio Cuiabá, olhando da varanda da casa simples o pôr do sol no Pantanal.

E é assim que vejo o Barão, sorrindo na rede preguiçosa, olhando aquele canto do mundo que ele ajudou a pacificar e onde ele escolheu ficar, aquele canto de mundo xingado de bárbaro ou incivilizado antigamente e de terceiro mundo atualmente.

Ele sorri, e pensa que está apenas descansando aquela santa indignação que faz as pessoas saírem e enfrentarem esses epítetos, que as faz trabalhar como ele trabalhou, sem ninguém acreditar que aqueles gestos de bravura (Bravura? Não seria amor?) estão longe de ser algo irracional, mas simplesmente fruto de uma confiança, confiança num mundo onde fronteiras não existem e o que vale é participar.

O Barão sorri na rede.